

O direito de brincar e a diversidade da Cultura Lúdica na Educação Infantil

The right to play and the diversity of playful Culture in early Childhood Education



ISSN 2358-7180

Marilei Auxiliadora da Silva Bampi¹, Moacir Juliani², Nádia Liganara Dewes Nyari³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar se o processo de brincar e a diversidade da cultura lúdica na Educação Infantil (EI) das Escolas Públicas Municipais de Lucas do Rio Verde - MT atendem às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A metodologia adotada baseia-se em estudo de campo, de natureza qualitativa e método de abordagem indutivo, tendo abrangido professores da rede municipal de Educação Infantil do município, aplicando-se questionário distribuído via Google Forms. As respostas dos voluntários ajudam a retratar como eles concebem o brincar e a diversidade lúdica na EI, como são tratados nos planejamentos das aulas e como são aplicados durante as mesmas. Ao término do estudo, concluiu-se que a concepção, o planejamento e a execução das atividades lúdicas atendem com louvor às orientações da BNCC, propiciando um ensino de qualidade, promovendo este direito de aprendizagem concebido por ela.

Palavras-chave: Lúdico; Aprendizagem; Educação Infantil; Pedagogia.

ABSTRACT

This study aimed to analyze whether the process of playing and the diversity of playful culture in Early Childhood Education (EI) of Municipal Public Schools in Lucas do Rio Verde - MT meet the guidelines of the Common National Curriculum Base (BNCC). The methodology adopted is based on a field study, of a qualitative nature and an inductive approach, having covered teachers from the municipal Early Childhood Education network in the municipality, applying a questionnaire distributed via Google Forms. The volunteers' answers help to portray how they conceive of playing and playful diversity in EI, how they are treated in the lesson plans and how they are applied during them. At the end of the study, it was concluded that the conception, planning and execution of the playful activities complied with the BNCC guidelines, providing quality education, promoting this learning right conceived by it.

Keywords: Playful; Learning; Child education; Pedagogy.

INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Pedagogia da Universidade Unilasalle de Lucas do Rio Verde – MT Brasil. E-mail: 22903228@unilasallelucas.edu. Orcid: <https://orcid.org/0000-0000-0000-0000>

² Doutor em Educação e Professor do Ensino Superior no Centro Universitário UniLaSalle de Lucas do Rio Verde - MT Brasil. E-mail: moacir.juliani@unilasallelucas.edu.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9940-937X>

³ Doutora em Engenharia de Alimentos e Professora do Ensino Superior no Centro Universitário UniLaSalle de Lucas do Rio Verde - MT Brasil. E-mail: nadialigianara@hotmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0237-5116>

Nos últimos anos, muitos profissionais docentes que atendem a escolarização da infância têm tentado compreender as diferentes expressões infantis e suas transformações no decorrer das épocas, impostas pela passagem do tempo natural ao tempo racional do relógio.

Essa preocupação aguçou o interesse sobre a infância, seus tempos e ocupações e desencadeou uma série de percepções sobre as várias formas de expressão infantil, capazes de inventar e se reinventar, por intermédio da linguagem dos jogos, dos brinquedos, do brincar e dos desenhos, suas concepções imaginárias do mundo.

O ser humano é capaz de adquirir e construir o saber, brincando (BISPO, BISPO & SALAZAR, 2020) é nesse momento que “aprende-se a conviver, a ganhar ou perder, a esperar a sua vez e a lidar melhor com possíveis frustrações”.

A ludicidade é um conceito relacionado ao jogo e ao brincar, e na educação está ligada ao desenvolvimento através de jogos, brincadeiras, manuseio de objetos que estimulem a fantasia, a imaginação e a criatividade. Para Lamb & Coenga (2020) a ludicidade compreende os saberes dentro das mais distintas áreas, sendo através dessas atividades lúdicas que proporcionam o desenvolvimento cognitivo, afetivo e físico das crianças (LAMB, & COENGA, 2020).

A brincadeira (SILVA, 2014) traz “vantagens para o desenvolvimento da criança nos níveis social, cognitivo, afetivo e psicomotor”, propiciando através da brincadeira a interação entre as crianças. Seguindo essa temática, com objetivos pedagógicos “o brincar, os jogos e os brinquedos começaram a ser incorporados pelas escolas” (MONTEIRO & DELGADO, 2014) de educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.

Utilizar a ludicidade como ferramenta de trabalho em sala de aula pode contribuir para a alfabetização, proporcionando meios para as crianças se descobrirem intelectualmente, favorecendo a coordenação motora, abrindo janelas para o seu “pensar o mundo” ao seu redor. Borda (2006) destaca que diferentes formas de brincar na escola “constituem diferentes modos de ensinar e aprender que, ao incorporarem a ludicidade, podem propiciar novas e interessantes relações e interações entre as crianças e estas com os conhecimentos”.

Condessa, (2018) relata que os currículos empregados nas escolas infantis nos primeiros anos (3 - 6 anos) devem ambicionar a criação de ambientes de aprendizagem ajustados à necessidade da criança, estimulando percepções, promovendo a imitação,

desenvolvendo a imaginação, a criatividade e orientando para a excelência do movimento e do pensamento. Cabendo aos educadores de infância ou os profissionais na área, a tarefa de garantir o enriquecimento e a cultura lúdica proporciona competências essenciais e uma aprendizagem que contribui para a equidade de oportunidades e a melhoria do seu bem estar educativo, “[...] danças (rodas, folclore, natal, carnaval), lengalengas e cantigas (acompanhando movimentos – rodas e jogos), jogos infantis (vários níveis de movimento – motricidade fina e geral; jogos de imitação e “faz de conta”), construção e exploração de materiais e brinquedos (dobragens em papel, bolas de sabão, bonecos de trapos, bolas de meias, carrinhos de milho), entre outras atividades” (CONDESSA, 2018).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), a etapa da Educação Infantil engloba os bebês e crianças com idade de 0 (zero) a 5 (cinco) anos e 11 (onze) meses. No entanto, percebe-se que o “tempo de brincar” vem tornando-se cada vez mais escasso e as práticas lúdicas espontâneas estão desaparecendo nas escolas, evidenciados em vários estudos como *Cadê o brincar?* da educação infantil para o ensino fundamental Flávia Cristina Oliveira Murbach de Barros (2009). Com isso, atividades naturais da infância como as brincadeiras não têm assumido um lugar central nas práticas de muitos profissionais que atuam na área, porque consideram uma atividade sem finalidades relativamente importantes para a aprendizagem.

Diante destas colocações pretende-se responder ao seguinte questionamento: o direito de brincar e a diversidade da cultura lúdica na Educação Infantil das Escolas Públicas Municipais, atendem às orientações da Base Nacional Comum Curricular?

Para responder esses questionamentos esse artigo tem como objetivo geral é analisar as concepções das professoras acerca do brincar e da diversidade da cultura lúdica na Educação Infantil das Escolas Públicas Municipais de Lucas do Rio Verde - MT, identificando a importância da ludicidade nos planejamentos, e as atividades no processo de ensino-aprendizagem e como a diversidade da cultura lúdica é contemplada no planejamento e desenvolvimento das atividades lúdicas pelos professores de Educação Infantil.

Infância e Ludicidade

Ao falar de crianças, automaticamente nos vem à mente as brincadeiras, a alegria e energia que é própria delas. Falar de crianças também remete à escola, à educação, aprendizado. Nota-se, então, que entre aprendizado e brincadeira existe uma estreita

relação, e isso vem sendo profundamente debatido há anos, ou décadas, pelos educadores, sendo tema de inúmeros estudos inclusive de autores famosos na pedagogia.

A ludicidade é relacionada aos jogos propriamente ditos, embora a definição de jogos seja mais complexa, conforme admitido mesmo por Kishimoto (2010, p. 15), que afirma logo no início do capítulo I “tentar definir o jogo não é tarefa fácil”, pelo fato de o termo poder assumir vários significados diferentes, dependendo do contexto. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o brincar é um dos seus direitos de aprendizagem da Educação Infantil, juntamente com os direitos conviver, participar, explorar, expressar e conhecer-se” ou seja “brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais” (BRASIL, 2018, p. 25).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI, em seu Artigo 9º destaca que os “eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e a brincadeira” (BRASIL, 2018, p. 37), o que nos dá uma ideia da importância que é dada ao brincar nesta etapa da educação. A “interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções” (BRASIL, 2018, p. 37).

Segundo Kishimoto (2010) as interações podem ser entre a criança e a professora, com outras crianças, com os brinquedos e materiais, com o ambiente, as relações entre a Instituição, a família e a criança. Brougère (1998, p. 2) propõe que a criança adquira, construa sua cultura lúdica brincando. “É o conjunto de sua experiência lúdica acumulada, começando pelas primeiras brincadeiras de bebê, evocadas anteriormente, que constituem sua cultura lúdica” (BROUGÈRE, 1998, p. 4).

A BNCC enfatiza que “a Educação Infantil atende a faixa etária de zero a 5 anos” (BRASIL, 2018, p. 35). E agrupa em três faixas etárias que “correspondem, aproximadamente, às possibilidades de aprendizagem e às características do desenvolvimento das crianças” (2018, p. 44), sendo eles creche, abrangendo bebês (zero a 1 ano e 6 meses) e crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses); e pré-escola, abrangendo crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

Portanto, nesta idade em que as crianças normalmente frequentam a Educação Infantil, é justamente a que mais oferece oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento através do brincar, do lúdico, de forma natural, como se a vida fosse, inteira, uma grande brincadeira. São inúmeras as brincadeiras e jogos desenvolvidos pelas crianças. Basta observá-las com atenção e ver-se-á uma diversidade de cenas criativas e, ao mesmo tempo, cópias de cenas já vistas antes. Independentemente se com objetos simples ou mais avançados, ou mesmo na ausência deles, elas “dão um jeito” de “criar” uma brincadeira, um mundo imaginário, que, em sua consciência, passa a ser um mundo real.

Juliani (2019) afirma que toda a criança brinca ou desenvolve atividades lúdicas, a não ser que esteja doente, e que estas atividades são livres e espontâneas, constituindo-se este brincar em linguagem que insere o indivíduo na cultura do brincar ou do jogo. Brougère (1998, p. 3) enfatiza que “a cultura lúdica é, antes de tudo, um conjunto de procedimentos que permite tornar o jogo possível” e que “dispor de uma cultura lúdica é dispor de um certo número de referências que permitem interpretar como jogo atividades que poderiam ser vistas como tais por outras pessoas”.

Segundo ele, a criança começa a formar sua cultura lúdica ainda bebê, através de suas interações com a mãe. “A criança, longe de saber brincar, deve aprender a brincar, e as brincadeiras chamadas de brincadeiras de bebês entre a mãe e a criança são indiscutivelmente um dos lugares essenciais dessa aprendizagem” (BROUGÈRE, 1998, p. 2).

Assim, desde a mais tenra infância, o conjunto de brincadeiras executadas pela criança tem raiz numa cultura pré-existente, como afirma Brougère (1998, p. 2) que “Se é verdade que há a expressão de um sujeito no jogo, essa expressão insere-se num sistema de significações, em outras palavras, numa cultura que lhe dá sentidos”. E reforça: “há, portanto, estruturas preexistentes que definem a atividade lúdica em geral e cada brincadeira em particular e a criança as aprende antes de utilizá-las em novos contextos, sozinha, em brincadeiras solitárias, ou então com outras crianças” (BROUGÈRE, 1998, p. 3).

Assim como aprende com os outros, também passa adiante, a outros, sua contribuição cultural lúdica, pois cada indivíduo dá ao jogo sua contribuição pessoal. “Todos têm interpretações e esquemas de jogos que são pessoais, frutos de descobertas e produções pessoais nas atividades lúdicas que, de alguma forma, permite a participação ou o desenvolvimento pessoal” (JULIANI, 2019, p. 24).

Corroborando com esta afirmação a de Chateau (1987, p. 79), exemplificando: “Os jogos de imitação provêm, em certo sentido, de outrem; mas o jogador escolheu, ele próprio, o objeto a ser imitado e sua imitação depende da visão que ele tem desse objeto”. Portanto, a cultura lúdica não é estática. Pelo contrário, vai se diferenciando ao longo das épocas, das regiões, das condições socioeconômicas, e mesmo de indivíduo para indivíduo.

“Esta varia de indivíduo para indivíduo, do contexto no qual está inserido, das características destes contextos, [...] das relações que são construídas nestes contextos” (JULIANI, 2019, p. 26). O autor ainda afirma que “a cultura lúdica se reinventa nos tempos históricos com características e aparatos de sua época, sendo exemplo disso os personagens que ilustram as histórias nas épocas distintas, os super-heróis de cada época, os jogos particulares que se inventam em função do que se torna moda, daquilo que atrai o interesse da criança” (JULIANI, 2019, p. 26).

Juliani (2019) observa que há na atualidade um processo de individualização, reflexo de transformações sociais como a redução do tamanho das famílias, o fato de a mãe também trabalhar fora. Também pode-se acrescentar a questão tecnológica, que trouxe ferramentas eletrônicas interativas onde é possível jogar individualmente, interagindo com a própria máquina, ou com outros indivíduos remotamente.

Conforme Brougère (1998, p. 4), os videogames são como “uma nova técnica que cria novas experiências lúdicas que transformam a cultura lúdica de muitas crianças”. Atualmente, os aparelhos celulares, ou smartphones, vem tomando para si a responsabilidade por difundir e transformar a cultura lúdica em proporções globais e globalizadas, da mesma forma que Juliani (2019, p. 29) fala da televisão: “é uma nova forma de transmissão da cultura lúdica, que anteriormente era realizada de forma oral, nas campanhas publicitárias que são veiculadas nos programas de televisão da atualidade”.

Não só o tempo modifica a cultura lúdica, mas também outros fatores, como escreve Brougère (1998, p. 4), “elas se diversificam também conforme o meio social, a cidade e mais ainda o sexo da criança. É evidente que não se pode ter a mesma cultura lúdica aos 4 e aos 12 anos”, ou seja, há uma progressão natural no padrão de jogos e brincadeiras exercidos pela criança à medida que esta avança em sua faixa etária.

O lúdico e a ludicidade na Educação Infantil é destacada por Moyles (2002, p. 24) ao referenciar o brincar na escola destaca: “Quando conversamos com professores das séries iniciais, parece quase instintivo eles dizerem que o brincar é valioso”. Autores nos

dizem isso há mais de 100 anos “[...] e os conceitos sobre a infância têm confirmado esta crença”.

Mas, na sequência, lembra que os professores frequentemente lamentam o fato de que os pais não parecem valorizar as atividades recreativas no currículo. Ocorre que o brincar na escola deve ter maior rigor que o brincar fora dela, e deve ser academicamente orientado. Faz ele mesmo, no entanto, um contraponto ao brincar controlado “a palavra “estruturar” em relação ao brincar pode sugerir que qualquer outro tipo de brincar além do oferecido pela professora é “não-estruturado”. A noção de brincar estruturado/não-estruturado não tem ajudado os professores das séries iniciais e pode ter contribuído para criar salas de aula nas quais não ocorre o brincar desafiador” (MOYLES, 2002, p. 25).

Sobre o papel do professor nesse ínterim, o autor ressalta seu papel de iniciador e mediador da aprendizagem, proporcionando situações de brincar livre e dirigido que atendam às necessidades de aprendizagem, mas que também, é mais importante, é o papel de observador e avaliador, que deve tentar diagnosticar o que a criança aprendeu. Isso mantém e intensifica a aprendizagem e estimula o desenvolvimento de um novo ciclo.

O brincar tem relação direta com o desenvolvimento da linguagem. É uma das necessidades básicas da criança, tanto que Brougère (1998) considera a ludicidade e o desenvolvimento do jogo como necessidade humana, como atividade que constitui e insere o indivíduo no mundo como ser social e cultural. O brincar, portanto, é uma linguagem que insere o indivíduo na vida social e cultural de seu meio, de sua família, de sua comunidade. É a essência da criança.

METODOLOGIA

A metodologia é entendida como a descrição pormenorizada do caminho percorrido na busca por informações e respostas à pergunta que motivou este estudo. “Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas” (MINAYO, 2001, p. 16).

Assim, ao demarcarmos a ludicidade como o tema do estudo e constatarmos que ela se situa no campo das ciências humanas devido ao fato de que o homem brinca e manifesta necessidades ancestrais de ludicidade durante todas as fases da vida, este estudo está inserido no campo da pesquisa qualitativa, assim descrita por Minayo: “A pesquisa

qualitativa responde a questões muito particulares. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (2001, p. 21-22).

Em relação ao método de abordagem, elegemos o indutivo, onde através dos dados levantados por amostragem, generalizamos as conclusões para o Ensino Infantil das escolas municipais de Lucas do Rio Verde - MT. O método indutivo é assim caracterizado: “[...] processos mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas” (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 53).

Em relação a classificação conforme os objetivos de pesquisa são descritiva. Esta, que de acordo com GIL (2008), visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Conforme os procedimentos é um estudo de campo, que como bem definido por Gil (2008) se caracteriza pela interrogação direta de pessoas, onde procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, obter as conclusões correspondentes.

Em relação à natureza da pesquisa, entende-se que este estudo seja de natureza básica, devido à forma como foi realizada à condição da pesquisa não ser aplicada. Os indivíduos da pesquisa foram professores da Educação Infantil escolhidos de forma aleatória que se prontificaram a participar deste estudo. Foram enviados aos professores, via e-mail ou WhatsApp, mediante conversa prévia e explicações acerca dos objetivos do estudo e compreensão do instrumento de pesquisa trinta e quatro questões elaboradas via Ferramenta Google Forms no primeiro semestre de 2021. Os indivíduos da pesquisa, mediante assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, autorizaram que suas informações se constituíssem em importantes contribuições para este estudo.

O instrumento de pesquisa foi constituído por um questionário composto de quatorze questões mistas, permitindo desta forma que os indivíduos justificassem suas respostas contribuindo sobremaneira para a construção dos significados dos dados quantitativos ou afirmativas-negativas contidas em suas respostas.

Na construção dos resultados da pesquisa, através da análise dos dados contidos nos instrumentos respondidos, optou-se por observar aquilo que se apresentava como comum devido a frequência com que se manifestavam e o que se constituía em especificidade e ou novidade, dado ao seu ineditismo ou raridade. Com isso, foi possível elencar algumas categorias de análise ou de conteúdo que facilitaram a construção de

entendimentos e sentidos. Na apresentação dos resultados os indivíduos da pesquisa serão apresentados através de pseudônimos de forma a preservar no anonimato a sua identidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Município de Lucas do Rio Verde – MT possui um universo de 198 professores lecionando na Educação Infantil urbana e rural foram convidados através de e-mail com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e apresentação do instrumento de pesquisa. Destes, vinte professores, cuja caracterização segue abaixo, responderam ao instrumento de pesquisa. De acordo com o TCLE deste trabalho, a identidade dos entrevistados foi preservada, tendo sido utilizados códigos ao invés dos nomes. Os questionamentos foram elaborados à luz da BNCC, com vistas a responder aos objetivos propostos para este trabalho.

Todas as 20 (vinte) voluntárias que responderam são do sexo feminino com idades bem diversas e distribuídas entre 24 a 52 anos, com formação acadêmica em Licenciatura em Pedagogia com 45% e especialização na área de Pedagogia 55%, com tempo de atuação na área em média de 10 a 16 anos, principalmente na pré-escola.

A seguir são apresentadas as perguntas feitas aos voluntários e as respostas por representatividade, bem como a análise comparativa destas. As análises foram divididas em categorias e ou temas para melhor entendimento.

Concepções dos Professores

Sobre as concepções dos professores sobre a ludicidade e o brincar na Educação Infantil podemos observar que a importância do brincar na Educação Infantil a grande maioria (85%) considera fundamental e se justificaram as suas escolhas

P1: “É no brincar que a criança aciona no cérebro conceitos de aprendizagem”. P5: “É através do lúdico, do brincar, que as crianças da educação infantil aprendem”; P13: “O brincar é tão importante para a criança como o trabalho para os adultos. A criança aprende brincando e sua aprendizagem é mais significativa”.

Assim, em consonância com os argumentos dos autores, os entrevistados têm ciência dessa importância da ludicidade na Educação Infantil e estas respostas vêm ao encontro com o que diz que brinquedo é a brincadeira. Para Condessa (2018) é nessa fase

que as “brincadeiras possibilitam explorar diferentes formas do corpo em movimento, conhecimento dos usos e costumes e a aquisição de várias literacias em várias linguagens”.

Chateau (1987, p. 124) “É muito claro que o jogo exercita não apenas os músculos, mas a inteligência [...] Ele educa mesmo os sentimentos”. Loro (2016) é no brincar na educação infantil que todas as atividades são desenvolvidas, como a capacidade de imaginar o chamado “faz de conta”. Segundo Winnicott (1975) pode haver uma relação significativa entre a ausência de brincadeiras na infância e os problemas emocionais na fase adulta, já que é nessa fase que ocorre o desenvolvimento motor e intelectual as crianças começam a explorar mais o mundo, é sendo a essência da infância, uma experiência, ou seja, um processo natural para a criança explorar seu mundo (DE SOUZA, 2010).

Cava (apud Brougère, 1998, p. 20) “brincar não é uma dinâmica interna do ser humano, mas um exercício com uma significação social precisa que necessita de aprendizagem”. Cava apud Vygotsky (1998) destaca as observações que a criança faz sobre o mundo expressado através da brincadeira, como o desenvolvimento da atenção, da imitação, da memória, da socialização e da experimentação de regras e papéis. É no ato do brincar (DE SOUZA, 2010) que se estabelece a ligação entre a ação e o pensamento, contribuindo para o desenvolvimento da atividade linguística (o uso da fala, do pensamento e da imitação) da criança.

Moyles (2002, p. 70) afirma que “[...] a oportunidade de brincar está estreitamente ligada ao desenvolvimento de habilidades de pensamento abstrato (simbólico) e divergente, o que, por sua vez, estimula a resolução de problemas. Para Vygotsky (1984) “o brinquedo fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência, criando uma situação imaginária, a criação das intenções voluntárias e a formação dos planos da vida real e motivações volitivas”, constituindo o mais alto nível de desenvolvimento pré-escolar.

O “brinquedo proporciona às crianças a capacidade livre substituição, o que possibilita atingir uma definição funcional de conceitos e objetos, desenvolvendo o pensamento abstrato, prendendo regras, valores e os modelos dos adultos” (OLIVEIRA & FRANCISCHINI, 2009). É na Educação Infantil (SANTOS & CRUZ, 2002) que a criança desenvolve a aprendizagem e, por essa razão, “é fundamental conscientizar o professor da importância da ludicidade na prática pedagógica a fim de que a criança possa desenvolver-se em sua plenitude”. Outros autores reforçam a afirmativa que a brincadeira

proporciona para a criança condições saudáveis para o seu desenvolvimento emocional, biopsicossocial, psíquico infantil, cognitivo, personalidade e novas combinações de ideias e de comportamentos.

Quando questionados sobre as percepções dos professores do que as famílias manifestam acerca do brincar na escola, 40% responderam que concordam com a afirmação, mostrando que existe uma percepção, por parte desses professores, de que as famílias ainda não entenderam corretamente o sentido da importância do lúdico na EF ou consideram essa ação como “perda de tempo”

P4 justificou: “Sim muitas acham que elas não aprendem “só brincam””; P6: “As famílias ainda acham que os professores e monitores são cuidadores (babás) e que na Educação Infantil não têm rotina com aprendizagem, apenas brincam e realizam a rotina como: alimentar-se, higiene corporal, etc.” e P16: “As famílias não levam a sério a brincadeira porque não entendem sua importância”.

No entanto, destes 60% responderam “discordar” dessa afirmação, percebendo um distanciamento significativo em determinados casos, a família, a rotina e a escola. Por isso a importância da integração escola-família, até para que haja conscientização e trabalho conjunto dos pais e dos professores na construção do aprendizado, e o entendimento da necessidade da inserção da ludicidade na Educação Infantil.

P13: “Acredito que para que esse erro diminua ou acabe, é necessário haver momentos de esclarecimentos para a sociedade, especificando a importância da ludicidade na infância” e P10: “A família muitas ainda não compreende o processo educacional da Educação, no caso a Educação Infantil... Então isso requer mais participação da família na escola”.

Pode-se encontrar na BNCC (2018) amparo em defesa da ludicidade às vezes mal vista por alguns desses pais. No campo de experiência como: traços, sons, cores e formas, fica bem destacado que vivenciar diversas formas de expressão como artes visuais, pintura, música, gestos, mímicas, desenhos contribuem para que as crianças desenvolvam o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca.

O Direito da Criança de Brincar

O direito da criança à liberdade de brincar e desenvolver-se no seio de sua família e de sua comunidade é assegurado pela Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959), adotado pelas Nações Unidas e no Brasil pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Dessa forma, os elementos até aqui considerados

permitem supor que as famílias possuem inúmeras razões, entre elas podemos supor que não tiveram essa possibilidade ou oportunidade na infância.

Para Hansen et. al. (2007) muitas famílias não consideram importante destinar um tempo para brincar com seus filhos, priorizando, na educação, aspectos cognitivos formais. Maus (2011) destaca que contexto familiar é o primeiro grupo social que a criança faz parte e se apresenta como a “base de sustentação” das primeiras aprendizagens e, portanto, onde acontecem os primeiros contatos com o brincar.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) é na etapa escolar que ocorre o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas realizadas em situações de interação e socialização. São muitas relações que podem ser estabelecidas em ambientes educativos, segundo Kishimoto (1999) “[...] nos quais convivem crianças de faixas etárias diversas, juntamente com profissionais de várias áreas, além de pais e membros da comunidade constituem portas de entrada para a construção do conhecimento que se processa quando se respeita a diversidade social e cultural, a multiplicidade de manifestações da inteligência e a riqueza dos contatos com personagens e situações” (KISHIMOTO, 1999, p. 73).

Sendo assim é “necessária uma conscientização por parte dos adultos, da importância do lúdico para as crianças no seu crescimento, amadurecimento e para uma vida social ativa”. (NILES & ROCHA, 2014). Para Luiz (2013) “somente em parceria com a família é que o professor poderá efetivar práticas que extrapolem o espaço escolar e se perpetuem em outros momentos da vida da criança” e poucos entendem que essas atividades são tão importantes e contemplam o desenvolvimento pedagógico em um modo mais amplo que é o de ensinar a viver.

No entanto, quando questionados sobre o direito à ludicidade e suas relações com as aprendizagens nos domínios cognitivo e afetivo, 100% dos respondentes responderam que sim e assim justificaram

P1: “Desperta na criança socialização, interação entre outras possibilidades de convivência com o outro. Despertando nela o conhecer a si mesmo”; P3: “Talvez um recurso para tornar o planejamento mais atrativo para a criança”; P6: “Através do Lúdico podemos analisar o desenvolvimento cognitivo, motor, etc” e P11: “O lúdico agrega várias possibilidades de aprendizagem de forma positiva”.

Podemos perceber que a fase de Educação Infantil é um tempo de descobrimento, assim todos concordaram com essa afirmação, momento que as brincadeiras contribuem

com o desenvolvimento da curiosidade e do autoconhecimento, ficando evidente o consenso entre os entrevistados de que a ludicidade, o aprender brincando, efetivamente funciona. Ludicidade é a representação que a criança utiliza para fluir a sua imaginação “o mecanismo que a criança utiliza para reproduzir o seu cotidiano através da brincadeira” (RAMOS, 2018).

Para Winnicott (1982) a criança adquire experiência brincando, a brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na infância. Ao enriquecerem-se, as crianças ampliam gradualmente sua capacidade de enxergar a riqueza do mundo externamente real. A brincadeira é a prova evidente e constante da capacidade criadora, que quer dizer vivência (WINNICOTT, 1982, p. 163).

Ribeiro (2013, p. 1) o lúdico é parte integrante do mundo infantil na vida de todo ser humano e tem grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância, promovendo conhecimento do mundo, oralidade, pensamento e sentido. Para Moraes & de Azevedo (2021) o lúdico não está presente apenas no ato de brincar, mas também na leitura e no descobrimento do mundo real, assim, muitas escolas estão redescobrando “a ludicidade” e usando para ajudar seus alunos a visualizarem o mundo de uma maneira mais atrativa, criando uma forma mais divertida da criança aprender dentro do seu contexto escolar, encontrando mais facilidade em aprimorar, aprender, compreender e interagir. Muitos dos estudiosos pontuam que a atividade é muito significativa na estruturação e no desenvolvimento de um sujeito.

Kishimoto (2010, p. 51) sugere que “[...] podemos dizer que o jogo simbólico constitui a gênese da metáfora, possibilitando a própria construção do pensamento e a aquisição do conhecimento”. Sobre este fato, não parece haver discordância entre os entrevistados, mostrando que todos têm essa consciência de que a ludicidade ajuda a promover o aprendizado das crianças. Ambientes de aprendizagem lúdicos e diversificados proporcionam o desenvolvimento da motricidade, da expressividade, da imaginação e da criatividade num contexto mais livre e lúdico, que privilegia a natureza da cultura infantil e do brincar (CONDESSA, 2018).

De acordo com Niles & Socha (2014) o professor tem um papel fundamental nesse processo, “levando os alunos ao processo de aprendizagem dos conteúdos, proporcionando socialização dos educandos e desenvolvendo a capacidade de assimilarem o conteúdo exposto da melhor maneira possível”. Podendo ser visto “como

um ambiente capaz de acolher a espontaneidade da criança em busca do seu próprio ser, onde ela pode ser criativa, espontânea e sentir-se segura”.

Para Alves (1995, p. 42) “o lúdico proporciona alegria nos espaços em que se faz presente, ao mesmo tempo em que possibilita a esperança de liberdade o mundo todo, sugerindo também que há outras possibilidades para a vida humana”. Nesse sentido a educação lúdica ou atividades lúdicas possibilitam a incorporação de valores, desenvolvimento cultural, da sociabilidade e da criatividade, onde a criança encontra o equilíbrio entre o real e o imaginário e tem a oportunidade de se desenvolver de maneira prazerosa (NILES & SOCHA, 2014).

A respeito disso, a BNCC (2018), traz fortemente retratado em muitos dos seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da EI, dos quais podem ser listados exemplos: (EI01EO02) Perceber as possibilidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras e interações das quais participa; (EI01ET03) Explorar o ambiente pela ação e observação, manipulando, experimentando e fazendo descobertas; (EI02CG01) Apropriar-se de gestos e movimentos de sua cultura no cuidado de si e nos jogos e brincadeiras; (EI03TS01) Utilizar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais durante brincadeiras de faz de conta, encenações, criações musicais, festas, entre outros.

Entretanto, quando abordamos as concepções dos professores acerca do que as brincadeiras proporcionam para as crianças, a grande maioria abordou o desenvolvimento da autoconfiança e das interações sociais, aumento da capacidade motora e raciocínio lógico, além de estar colaborando para seu desenvolvimento integral, autoconfiança, criatividade, imaginação e empatia. Moyles et al. (2010) relatam “a brincadeira é tão importante para o desenvolvimento humano que até mesmo quando ocorrem brigas ela contribui para o crescimento e a aprendizagem. Negociar perspectivas, convencer o opositor, conquistar adesões para uma causa, ceder, abrir mão, lutar por um ponto de vista – tudo isso ensina a viver (MOYLES et al. 2010. p. 9). Na alternativa “Outros...” desta questão foram obtidas as seguintes respostas:

P2: “agilidade”; P10: “desenvolvimento motor”; P14: “promove o amadurecimento e desenvolvimento pessoal, aplicando momentos de rotina, importantes para o ser humano”; P17: “propicia o despertar de um olhar mais atento para o outro, a solidariedade, a igualdade... e tudo o que pode haver de melhor no ser humano” e P19: “todas as alternativas”.

Estes aspectos estão relacionados com as contribuições de Kishimoto (2010) sobre a importância do brincar “para a criança, brincar é a atividade principal do dia-a-dia”. Desta forma, demonstrou-se como os professores concebem a ludicidade e o brincar na educação infantil.

O brincar pode ser livre ou dirigido. O fato é que, conforme Moyles (2002, p. 33), “precisamos reservar tempo para explorar as necessidades explicitadas pelo brincar, assim como tempo para conversar sobre ele, ampliando a aprendizagem por meio do brincar dirigido”. Ou seja, os jogos e brincadeiras também devem ser planejados, sendo esta uma das determinações da BNCC (2018, p. 39): “Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, medir e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças”.

O Planejamento e as Atividades lúdicas

Objetivando investigar se este planejamento das atividades lúdicas foi avaliado a importância de considerar e contemplar a diversidade lúdica no planejamento das atividades na Educação Infantil, no qual todos os entrevistados responderam que sim e justificaram.

P2: “Sempre deve ser elencado no planejamento da educação infantil”; P5: “Quanto mais diversidade no planejamento das aulas na educação infantil, maiores as chances de envolvimento e participação dos alunos” e P17: “As brincadeiras devem ser escolhidas de acordo com o que aborda o planejamento. Devem casar com o tema abordado para que as crianças façam a associação”.

Sobre a diversidade lúdica, assim está preconizado no direito de aprendizagem “brincar” da BNCC “brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais” (BRASIL, 2008 p. 38). Tanto os autores da ludicidade, quanto os documentos norteadores da Educação Infantil enfatizam a ludicidade como necessária ao desenvolvimento e aprendizagem da criança nesta fase da escolaridade, e percebeu-se este senso junto aos entrevistados, que julgaram ser fundamental considerar a diversidade da cultura lúdica nos planejamentos das aulas.

Podemos compreender que a “ludicidade contribui para o desenvolvimento do aprendiz, facilita a linguagem e estimula os movimentos corporais, comportamento, atenção, habilidade expressiva e dramática” (ALVES, 2020). No entanto quando questionado sobre a importância da correta escolha dos materiais lúdicos no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, nenhum entrevistado respondeu que é pouco importante ou desnecessário, assim 100% deles ainda justificaram a escolha das opções “fundamental” ou “muito importante”

P3: “O planejamento deve ser interdisciplinar, então, o material utilizado deve completar as aulas, complementando os demais eixos de aprendizagem”; P9: “A escolha do material tem que estar condizente com o seu planejamento e com a idade das crianças”; P18: “Os materiais são muito importantes para uma aprendizagem significativa e prazerosa”; Uma justificativa que chama atenção é a da P12, que marcou a opção “Fundamental” mas assim escreveu: “A correta escolha não existe, pois muitas vezes o que para o adulto é inútil, para a criança poderá ser momento de aprendizagem”. Como enfatiza a formação docente, cada etapa de desenvolvimento da criança necessita que sejam contempladas suas necessidades e o material adequado auxilia muito para o desenvolvimento das crianças.

Moyles (2002, p. 120) lembra que “conhecer os seus recursos, especialmente os materiais lúdicos, é de vital importância”. E para isso sugere que o professor responda, como é feita a escolha dos materiais e esta é pensada de acordo com a realidade de cada criança, além de poder torná-las mais desafiadoras. Foram 80% afirmações positivas, destas

P2: “Cada idade deve ter a sua atividade adaptada”; P7: “Os materiais precisam atender as especificidades de cada criança, de acordo com o interesse e desenvolvimento de cada um”; P9: “Devem ser de acordo com a realidade para que façam a associação”; P15: “Sim. Ao planejarmos uma aula a escolha dos materiais lúdicos leva em conta a realidade das crianças, principalmente se temos na sala uma criança que faz parte da Educação Especial que requer uma inclusão” e P17: “Sim sempre, temos que levar em conta a realidade que a criança vive”.

Entende-se que não há possibilidade de uma prática docente engajada e responsável sem o cuidado e o esmero no planejamento da aprendizagem. Já os que responderam não, alegam que:

P5: “De cada criança não, mas, da realidade da sala, e assim vamos nos adequando, promovendo aprendiz para todos os alunos”; P12: “Não necessariamente a cada criança. Podemos usar os mesmos materiais lúdicos usando outras estratégias e desafios”; P16: “Mas, precisa ser de acordo com a maioria e adaptar com o comum acordo com todos os alunos”; P18: “Não necessariamente, o professor tem que ter objetivos para quem exatamente esse material vai auxiliar na aprendizagem dessas crianças, a não ser que a criança tenha alguma dificuldade de aprendizagem ou é uma criança com

alguma deficiência, aí o material deve ser diferenciado” e P12, “a estratégia e desafios diferentes, propostos com os mesmos materiais, podem gerar resultados diferentes”.

Da mesma forma que se observou nas práticas de Estágio Supervisionado Obrigatório, também Moyles (2002, p. 35) lembra que “[...] as crianças nem sempre utilizam uma variedade tão grande de materiais e atividades como frequentemente se sugere. Às vezes elas restringem bastante os recursos [...] e precisam ser estimuladas a usá-los de outras maneiras”.

Portanto, Vygotsky (2001) é a partir dos diversos materiais lúdicos e das brincadeiras que as crianças têm mais facilidade para aprender o que lhes é proposto. Estes “materiais lúdicos não devem ter uma única finalidade, devem proporcionar à criança várias utilizações de modo a que estas desenvolvam a sua criatividade e que, de certa forma explorem o seu imaginário” segundo Sousa & Tagarro (2020). O Ministério da Educação (MEC, 2016) descreve que é “através dos materiais lúdicos, dos jogos e de todas as atividades lúdicas que, muitas vezes, o educador apoia e ajuda cada criança a desenvolver-se pessoal, emocional e socialmente”.

No entanto é necessário refletir sobre o que se deve facultar, quais os seus pontos fortes e também as suas limitações, na qual os profissionais têm um papel fundamental, para que a exploração e utilização desses materiais, que devem estar permanentemente à disposição das crianças para que estas os possam explorar, sendo objetos do quotidiano que desenvolvem a criatividade, imaginação, autonomia das crianças, mas a sua utilização depende também dos conteúdos a trabalhar (SOUSA & TAGARRO, 2020).

Para descobrir quais as atividades lúdicas mais frequentes, fez-se o seguinte questionamento sobre as atividades lúdicas desenvolvidas com as crianças e quais são desenvolvidas com maior frequência. Obteve-se uma resposta “não” que justificou “Não necessariamente, pois qualquer atividade lúdica é importante para a criança” e 95% responderam positivamente.

P2: O saltar, rastejar... São atividades que são pontes para outras atividades. P3, P7 e P20: As com massa de modelagem, blocos de construção e brincadeiras no parque. Alfabeto móvel, números, cores, circuitos. Pintura, leitura, jogos etc; P6 e P11: Brincadeiras de faz de conta, brincadeiras com regras, brincadeiras de construção, entre outros. O brincar, imaginar, o explorador; P9, P13 e P19: Isso implica também no perfil da turma. Há certas atividades que o professor percebe que as crianças gostam e interagem mais. Há que considerar a preferência dos alunos e a disponibilidade de materiais nas escolas. Depende muito da faixa etária; P10, P12, P5, P15 e P14: Para aprimorar as habilidades. Coordenação Motora fina e Ampla. Exemplos: atividades de lateralidade, dentro e fora, leve e pesado, entre outras.

Trabalhamos muito com Cantigas e Parlendas em forma de Brincadeiras, como: Corre Cotia; A Linda Rosa Juvenil; A canoa virou; Escravos de Jó; Ciranda, cirandinha; Na loja do Mestre André; Pirulito que bate, bate; Imitando os animais e tantas outras que encontramos na Internet e Jogos também. Jogos e brincadeiras livres, brincadeiras de rodas, jogos de fantasia e outros como correr, pular corda, parquinhos; P16, P18 e P17: As atividades rotineiras. Sim, dentre elas, atividades de rotinas, oração, música, roda de conversa, história. Devemos ir e vir com o desenvolvimento das atividades, repetir é importante.

Portanto, um misto entre atividades que exigem materiais, objetos, brinquedos, e atividades que não exigem, que são realizadas apenas com o corpo e a interação com os colegas. Kishimoto (2010) relaciona algumas dezenas de brinquedos possíveis de serem aproveitados no trabalho com crianças na EI, e lembra que para garantir a continuidade do processo de aprendizagem é preciso incluir no Projeto Pedagógico brincadeiras que despertem interesse pelo letramento. Ela relaciona desde chocalhos, sinos, blocos macios, imagens coloridas, objetos com diferentes texturas para bebês, até jogos de percurso, dominó, jogos de construção, sucata, livros infantis, globo, material dourado para crianças de 4 e 5 anos. Assim, quando questionado sobre as preferências das crianças sobre as atividades lúdicas, a maioria respondeu “sim”

P2: “Cada criança tem sua preferência e isso facilita a orientação entre elas”; P7: “Nas que mais chamam a atenção e que principalmente elas fazem parte desta atividade”; P9: “Com certeza demonstram. Por exemplo, meus alunos gostam muito de trabalhar com tinta guache, vez ou outra desenvolvo atividade que inclui trabalhar com o material, pois já sei que terá bom empenho dos mesmos”; P13: “É comum que as crianças demonstrem preferência nas brincadeiras, considerando a cultura, a idade, a diversão com os amigos” e P20: “Tudo que envolva movimento música etc..”

E apenas duas responderam não, sendo que P8 não justificou, e P5 justificou que “Eles sempre estão abertos às atividades, gostam de todas”. No aspecto aqui abordado, considera-se necessário observar as preferências das crianças quanto aos brinquedos e brincadeiras, pois este aspecto auxilia no planejamento de atividades que vão ao encontro das necessidades das crianças (VELASCO, 1996; DOS SANTOS, 2016).

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros (BRASIL, 1998, p.43).

E para confirmar se no planejamento das atividades lúdicas são consideradas as orientações da BNCC questionou-se sobre a forma que é desenvolvido o plano de aula e de que forma é planejado as atividades lúdicas e 95%, responderam “Sempre” referente ao planejamento das atividades lúdicas ser de acordo com a BNCC e justificaram conforme exemplificado

“Geralmente”, justificando que: P19: “Os professores têm autonomia no planejamento e em contrapartida execução, portanto depende da formação e compromisso do Educador”. P2: Todo plano de aula deve necessariamente ser baseado nas normas exigidas para o melhor sucesso do aprendizado; P3, P5, P7, P16, P17, P18 e P20: Sempre colocamos os direitos (brincar, participar, conhecer-se .. da BNCC como competência essencial. Não tem como fazer sem a BNCC. São normas obrigatórias. Os planejamentos no <nome da escola, ocultado>, onde sou Gestora, são feitos dentro do DRC e BNCC. Sim! É obrigatório, todo planejamento é feito de acordo com a BNCC. Os planos de aula sempre são trabalhos de acordo com a base. Os parâmetros da BNCC. Por que o BNCC é completo, lá tem tudo que precisamos para planejar nossas aulas. Todo o planejamento é de acordo com a BNCC; P13: A proposta educacional da rede pública utiliza a Diretriz de Referência Curricular como embasamento; P14: O planejamento precisa de uma sequência didática e precisa ficar claro todas as ações do professor e os direitos de aprendizagem das crianças, neste caso em específico o direito de brincar

A diversidade da cultura lúdica no planejamento e desenvolvimento das atividades pelos professores de Educação Infantil investiga de que forma os professores utilizam os materiais, brincadeiras e jogos aplicados no processo de ensino-aprendizagem na EI. As respostas dadas foram que 60% “oferece plenamente” e 40% “oferece, com limitações”. Algumas justificativas dadas a esta pergunta pelas que responderam que “oferece plenamente” com algumas justificativas dos que responderam que “oferece, com limitações”

P2: “Temos todo aparato necessário para o planejamento e execução das aulas, e tbm materiais para a construção, caso haja necessidade de algo não exatamente como queremos no momento”; P3: “Temos muitos materiais (jogos, brinquedos) e espaços para desenvolver”; P5: “Sim! A escola nos oferece todo suporte necessário, sempre”; P7: “Na escola há muitos materiais disponíveis tanto pronto, quanto para ser construído pelo professor e alunos”. P6: “Às vezes temos o material outros devemos adquirir com recursos próprios”; P8: “Com certeza precisa com frequência estar buscando mais melhorias”; P13: “É necessário haver mais ambientes apropriados para as crianças desenvolverem atividades que explorem plenamente as habilidades mencionadas nos direitos de aprendizagem da BNCC. Além de mais brinquedos e materiais pedagógicos para serem usados”; P20: “Dependemos da gestão escolar para tais compras desses materiais!”.

Quanto o questionamento sobre o processo de implantação ou desenvolvimento dos jogos e brincadeiras trabalhados em sala

P1, P4, P5, P10, P11, P16, P18 e P20: Criativa e Espontânea - As atividades são desenvolvidas de acordo com a interação de todos; coloca a criança com o desafio de novos saberes; aproveitamos a criatividade das crianças; todos os materiais são pensados dentro dos objetivos a serem alcançados; o professor tem que planejar mas às vezes precisa ser também criativo para as aulas não serem mecanizadas; brincadeiras devem ser criativa e espontânea, ao contrário não faria sentido para a criança; P3, P2, P6, P7, P8, P9, P12, P13, P14, P15, P17 e P19 Mecanizada, regrada, com contenção nos espaços-tempos, Misto entre regras e espontaneidade Na sala de aula, pelo espaço ser pequeno e haver muitas crianças geralmente são com regras e contenção de espaços, para preservar a integridade física das crianças; Se não for de forma espontânea dificilmente haverá aprendizado. Mas sem regras provavelmente seria difícil a contenção dos alunos; espontâneo e com regras para conseguir alcançar o objetivo da atividade; a criança precisa aprender também que há regras nas brincadeiras e regras que chamamos de combinados em sala de aula. Ela não é livre para fazer o que quiser, existem os momentos de "ser livre", mas também deve respeitar os combinados do momento; todas as crianças estão aprendendo a seguir regras; é o momento delas. Nessa fase da vida escolar as crianças definem a importância de seguir regras para viver em sociedade; porque em algumas brincadeiras a regra precisa ser respeitada, em outras pode se deixar as próprias crianças criarem suas regras.

Percebe-se aqui uma diversidade de opiniões, onde, no entanto, predomina a de que o equilíbrio seja o melhor caminho, não tratando as crianças todas como iguais, exigindo que atuem todas da mesma maneira, mas também, não apenas deixando acontecer livremente sem nenhum direcionamento. Moyles (2002, p. 33) compara as duas maneiras de se trabalhar o brincar: “*O brincar dirigido refere-se principalmente ao processo. A segunda situação, de brincar livre, inclui processo e modo, e é dentro desse tipo de brincar que os professores devem procurar a aprendizagem real*”.

Sobre as atividades lúdicas desenvolvidas, quais tipos de brincadeiras englobam? A maioria optou pela alternativa: brincar onde predominam atividades físico-motoras, seguido de brincar com atividades nas quais a ênfase está relacionada ao aspecto intelectual e brincar com atividades nas quais predominam as interações sociais e emocionais”.

As alternativas oferecidas para esta questão foram inspiradas em Moyles (2002, p. 26), onde a autora traz uma tabela com as três formas básicas de brincar na escola: brincar físico (motor amplo, motor fino, psicomotor); brincar intelectual (linguístico, científico, simbólico/matemático, criativo); brincar social/emocional (terapêutico, linguístico, repetitivo, empático, autoconceito, jogos).

Ao que percebe-se a consonância entre as respostas das voluntárias com a autora acima citada, e que o brincar que se manifesta nas escolas estudadas contempla uma diversidade de formas para abranger os três aspectos: físico, intelectual e social/emocional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pautou-se em responder se na Rede Pública Municipal de Educação Infantil do Município de Lucas do Rio Verde - MT são atendidas as orientações da Base Nacional Comum Curricular quanto ao atendimento ao direito de brincar e à diversidade da cultura lúdica. Verificou-se que os professores da Rede Pública Municipal de Lucas do Rio Verde - MT, têm consciência da importância do brincar na educação infantil. Mais do que estimular o desenvolvimento corporal das crianças, o brincar ajuda a promover a integração entre elas e com o mundo que as rodeia, já que o mundo da criança é o brincar. Através da abstração com os brinquedos e objetos, vão internalizando conhecimentos e habilidades necessárias para sua vida e seu desenvolvimento.

A diversidade lúdica é um fator muito importante a ser considerado no planejamento das atividades, sendo este a essência do trabalho pedagógico, o que proporciona um melhor aproveitamento das aulas e envolvimento das crianças, melhorando a eficiência no aprendizado. Assim também, a escolha correta dos materiais lúdicos para cada atividade deve ser pensada e programada de acordo com a idade e maturidade das crianças, de forma interdisciplinar, criando desafios novos que explorem o potencial de cada aluno.

No universo pesquisado, nem sempre a escolha dos materiais é feita de acordo com necessidades individuais de cada criança, e sim considerando o perfil da maioria da turma, adaptando de comum acordo para todos os alunos, exceto quando em caso de aluno com necessidades especiais, em que o material pode ser diferenciado, para atender um aluno em específico.

As atividades lúdicas desenvolvidas com maior frequência pelos professores nas escolas pesquisadas são bem diversificadas, indo desde atividades rotineiras como rodas de conversa, oração, música, cantigas e parlendas, até jogos de correr, pular corda, atividades para desenvolvimento motor, atividades com massinha de modelar, alfabeto móvel, cores, pinturas, blocos de construção. Atividades com ou sem materiais.

Detectou-se ainda que as atividades oferecidas são diversificadas a ponto de atenderem aos três aspectos de desenvolvimento: físico-motor, intelectual e social/emocional. Aspectos estes que são os pilares do desenvolvimento integral da criança como ser pensante e participante da sociedade em que vive. Diante destas considerações, é possível afirmar que foi atingido o objetivo de analisar se o brincar e a diversidade da cultura lúdica atendem às orientações da BNCC, nas escolas públicas

municipais de Lucas do Rio Verde - MT. Conclui-se que elas atendem sim, com louvor, a estas orientações, contemplando a diversidade lúdica e que os profissionais da educação seguem, tanto na etapa de planejamento quanto na etapa de execução, os preceitos da BNCC, firmes no propósito de propiciar um ensino-aprendizagem de qualidade, dentro das limitações existentes é claro, mas visando a promoção dos direitos de aprendizagem concebidos por ela.

REFERÊNCIAS

- <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_s ite.pdf>. Acesso em março de 2021.
- ALVES, M. G. da S. Vivências lúdicas na educação infantil e o contexto de pandemia de Covid-19 no Brasil, 2020.
- ALVES, R. Histórias de quem gosta de ensinar. São Paulo: Ars Poética, 1995. ARIÈS, P. [trad. Dora Flaksman] **História social da criança e da família**. 2ª Ed. - Rio de Janeiro-RJ: Guanabara, 1986.
- Barros, Flávia Cristina Oliveira Murbach de Cadê o brincar? : da educação infantil para o ensino fundamental / Flávia Cristina Oliveira Murbach de Barros. – São Paulo : Cultura Acadêmica, 2009.
- BISPO, C. C. L., BISPO, L. B. & SALAZAR, L. O. B. Inventário dos jogos e brincadeiras: a manifestação da cultura lúdica infantil. *Diversitas Journal*, 2020
- BORBAM. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BEAUCHAMP, J. (org). Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília-DF, 2018. Disponível em:
- BROUGÈRE, G. [trad. Ivone Mantoanelli] **Jogo e Educação**, Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1998.
- CAVA, L. C. S'. A. C. Ensino de artes: pedagogia-São Paulo: Person Prentice Hall, 2009.
- CHATEAU, J. [trad. Guido de Almeida] **O jogo e a criança**. 4ª Ed. - São Paulo-SP: Summus, 1987.
- CONDESSA, I. C.. A cultura lúdica infantil na escola atual: Estão as crianças a ser deixadas para trás?. *Zero-a-Seis*, v. 20, n. 38, p. 272-287, 2018.

- CORDAZZO, S. T. D. & VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 7, n. 1, p. 92-104, 2007.
- DA ROSA, F. V., KRAVCHYCHYN, H. & VIEIRA, M. L.. Brinquedoteca: a valorização do lúdico no cotidiano infantil da pré-escola. *Barbarói*, v. 8, n. 27, 2010.
- DE SOUZA, É. C. S.. A Ausência Do Brincar Na Educação Infantil De Uma Escola Do Município De Santo Estavão. 2010. Disponível em www.educonse.com.br. Acesso em julho 2021.
- DOS SANTOS, L. G.. A importância do brincar para o desenvolvimento cognitivo da criança na educação infantil pré-escolar sob a percepção de professores. *Projeção e Docência*, v. 7, n. 2, p. 23-34, 2016.
- FORTUNA, T. R.. Cultura lúdica e comportamento infanto-juvenil na era digital. *Jornal da Universidade*. Porto Alegre. v. 17, n. 166, 2013.
- GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª Ed. - São Paulo-SP: Atlas, 2008.
- HANSEN, J., MACARINI, S. M., MARTINS, G. D. F; WANDERLIND, F. H., VIEIRA M. L. O brincar e suas implicações para o desenvolvimento infantil a partir da Psicologia Evolucionista. *Revista brasileira crescimento e desenvolvimento humano [online]*. v. 17, n. 2, 2007.
- JULIANI, M. **As Crianças e o seu Recreio Escolar: um estudo etnográfico sobre a ludicidade na terceira infância**, Cuiabá-MT, 2019.
- KISHIMOTO, T. M. (Org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 13ª Ed. - São Paulo-SP: Cortez, 2010.
- KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento**. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dezembro-2010-pdf>. Acesso em março de 2021.
- KISHIMOTO, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1999.
- LAMB, L. V. & COENGA, R. E.. Cultura Lúdica na Educação Infantil: Contributos do Letramento em Diálogo com a Sociologia da Infância. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, v. 21, n. 4, 2020.
- LORO, A. R. A importância do brincar na educação infantil. Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí), Santa Rosa RS, 2016.
- LUIZ, M. M. D. O. B. A percepção de pais e/ou responsáveis sobre as contribuições dos jogos e das brincadeiras na educação infantil em uma instituição de ensino do município

- de Paranaguá/PR, 2013. Disponível em <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/51009>. Acesso julho 2021.
- MANSON, M. **História do brinquedo e dos jogos: brincar através dos tempos**. Lisboa: Teorema, 2002.
- MAUS, V. A importância do brincar para os pais de alunos de uma turma de educação infantil: um olhar a partir da escola. Trabalho de Conclusão de Curso pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACHED/UFRGS, Porto Alegre, RS, 2011.
- MEC - Ministério da Educação Orientações curriculares para a educação Pré-Escolar. 2016.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.
- MONTEIRO, C. M. V. R. & DELGADO, A. C. C. Crianças, brincar, culturas da infância e cultura lúdica: uma análise dos estudos da infância. *Saber & Educar*, v. 19, p. 106-115, 2014.
- MORAES, G. S. C., COELHO, H. G. & DE AZEVEDO, G. X.. A importância do lúdico na Educação Infantil. *REEDUC-Revista de Estudos em Educação*, 2021.
- MOYLES, J. R. [trad. Maria Adriana Veronese] **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil**. Porto Alegre-RS: Artmed, 2002.
- MOYLES, J. A excelência do brincar. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- NILES, R. P. & SOCHA, K. A importância das atividades lúdicas na Educação Infantil. *Ágora: Revista de divulgação científica*, v. 19, n. 1, 2014.
- OLIVEIRA, I. C. C. de & FRANCISCHINI, R. Direito de brincar: as (im) possibilidades no contexto de trabalho infantil produtivo. *Psico-USF*, 2009, 14: 59-70.
- OLIVEIRA, V. B., BORJA SOLÉ, M. & FORTUNA, T. R. *Brincar com o outro: caminho de saúde e bem-estar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- RAMOS, R. de J. R. *Cultura de pares e cultura lúdica: brincadeiras na escola*. 2018. Monografia da Universidade do Estado do Amazonas-UEA na Escola Normal Superior-ENSem Manaus, Amazonas, AM, 2018.
- RIBEIRO, S. de S. *A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância*. 2013.
- SANTOS, S. M. P. & CRUZ, D. R. M. *Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SILVA, P. L. *As infâncias e o brincar no contexto escolar: alguns contrastes entre a*

cultura lúdica e as práticas pedagógicas. 2014. Dissertação de Mestrado do Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Manaus-Amazonas, 2014.

SOUSA, R. & TAGARRO, M.. A importância do uso de materiais lúdicos e jogos na educação de infância. Revista da UI_IPSantarém-Unidade de Investigação do Instituto Politécnico de Santarém, v. 8, n. 2, p. 129-143, 2020.

VYGOTSKY, L. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente (1ª ed.). (J. C. Neto, L. S. M. Barreto & S. C. Afiche, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1984.

WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1975. A criança e o seu mundo. Rio de Janeiro: LTC. 1982.

Recebido em: 14 de outubro de 2021.

Aceito em: 08 de fevereiro de 2022.